

# INTERVENÇÃO DA PSICANÁLISE E DA EXPRESSÃO BARROCA ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DE SENSIBILIZAÇÃO ESTÉTICA

*Rosemere Rocha Faustino\**

## RESUMO

Em que o Barroco poderia interessar à intervenção estética, principalmente nas escolas públicas, lugar onde desenvolvemos nosso projeto? Em que a interlocução do Barroco com a Psicanálise contribuiria com o desenvolvimento de questões relativas ao processo educativo e a constituição do sujeito e sua implicação no mundo que o cerca?

A experiência estética é anterior à racionalidade formal. Antes de o sujeito operar com sua racionalidade, há um juízo qualificativo que é pré-requisito para o reconhecimento da existência do que quer que seja. A experiência estética revela-se como o fundamento indispensável de toda constituição do juízo, da faculdade de julgar, de pensar. Razão e sensibilidade colocam-se assim, não como pares antitéticos, mas como duas faces de uma mesma moeda. A difusão de oportunidade de sensibilização estética oferecida aos alunos da rede pública, tal como propomos nesta atividade de extensão universitária em nosso projeto, visa uma melhoria das condições de formação desta população. Trata-se de incentivar a ampliação de seus recursos criativos e da proposição de novas formas de se relacionarem com o saber, e com a inserção no mundo que os cerca. Afinal, na perspectiva barroca, o sujeito encontra-se impregnado de mundo e é mesmo confundido com ele.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sensibilização. Estética. Barroco. Psicanálise.

---

\* Graduada em Psicologia pela UFJF.

Bolsista de Extensão do projeto Intervenção da Psicanálise e da Expressão Barroca na Cultura Brasileira  
E-mail : rose@psicanalisebarroco.pro.br

## 1 INTRODUÇÃO

Em que o Barroco poderia interessar à intervenção estética, principalmente nas escolas públicas, lugar onde desenvolvemos nosso projeto? Em que a interlocução do Barroco com a Psicanálise contribuiria para o desenvolvimento de questões relativas ao processo educativo e à constituição do sujeito e sua implicação no mundo que o cerca? A experiência estética pode ser utilizada como recurso mediador no processo de sensibilização artística. Buscamos ainda registrar quais elementos contribuem prioritariamente para a formação do sujeito implicado no mundo contemporâneo. Para isso fazemos nossas, as palavras de Mafessoli:

Levando mais adiante nossa hipótese, pode-se dizer que a estética, enquanto cultura dos sentimentos, simbolismo, ou para empregar uma expressão mais moderna, enquanto lógica de comunicação, assegura a conjunção de elementos até então separados. Assim, mesmo na ordem epistemológica, ela repousa na ultrapassagem da distinção, a razão vendo multiplicar seus efeitos pelos da imaginação. Há uma fórmula de Schelling que exprime bem essa posição: “monoteísmo da razão... politeísmo da imaginação e da arte, eis do que precisamos”. Conjunção que redundará numa “mitologia da razão”. Trata-se de uma idéia muito interessante, que, antes de tudo, justifica um dinamismo vital. O homem do povo e o filósofo concordam numa interdependência total. O aspecto utópico dessa visão importa pouco, mas bem mais o fato de que seja a vida, na sua globalidade, que prevaleça. Nessa perspectiva, a estética não é mais um suplemento de alma secundário e unicamente distrativo, torna-se uma realidade global, ao mesmo tempo existencial e intelectual, que, ultrapassando (e integrando) as clássicas separações da modernidade, moral, política, física, lógica, torna-se uma realização, um imperativo vital. (MOFESSOLI, 1996, p.57-58)

Em relação ao eixo central da pesquisa sobre a articulação da Psicanálise e o Barroco, nossa proposta mantém não a idéia de o Barroco enquanto um estilo de uma época, mas como um modo de orientação do psiquismo, que encontraria uma afinidade estrutural com o modo de funcionamento do inconsciente. Em contrapartida, o modo clássico de funcionamento revelaria uma proximidade com as formas de operação da consciência. “Equiparar a alfabetização estética à alfabetização das letras e números, visto sob esse ângulo

não é novidade. Por isso negar o direito das linguagens artísticas é reduzir as possibilidades de conhecimento do ser humano.” (FUNARTE, 1996, p.46).

As pesquisas, desenvolvidas desde 1992 pela pesquisadora Dra. Denise Maurano, professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, sobre a ética da Psicanálise, investiga os mecanismos psíquicos do sujeito em sua estrutura barroca de funcionamento do inconsciente, uma experiência de sensibilização estética. A ética que orienta o funcionamento do inconsciente parece encontrar na expressão barroca seu correspondente estético.

A oferta de oportunidades de contato com o fazer expressivo sem a preocupação com a ordem, a harmonia, exigências da expressão clássica, pode viabilizar uma ampliação das possibilidades expressivas do sujeito. Através dos incentivos públicos e privados nosso trabalho esta sendo desenvolvido junto às comunidades carentes de Juiz de Fora propondo aos alunos das escolas públicas, através de atividades extra-classe, um contato e uma reflexão a respeito de arte e estética consideradas supérfluas dentro da perspectiva tradicional da educação.

A experiência estética é anterior à racionalidade formal. Antes de o sujeito operar com sua racionalidade, há um juízo qualificativo que é pré-requisito para o reconhecimento da existência do que quer que seja. Isso é trabalhado por Freud (1925) no Texto *A negativa*. Vejamos os recortes a seguir: “O conteúdo de uma imagem ou idéia recalcada pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja negado.” (FREUD, 1925, p.295)

A tentativa do inconsciente em recalcar emoções denotam como o sujeito teme de certa forma que estas idéias venham à tona de alguma forma. Dependendo de como o sujeito manifesta essas idéias através da linguagem elas podem ser levadas em consideração e descortinar certos mistérios do inconsciente. “...O pensar se liberta das restrições do recalque

e se enriquece com material indispensável ao seu funcionamento correto.” (FREUD, 1925, p.297)

Desta forma colocamos um marco de identificação que nos permite ver claramente como o inconsciente, mesmo contra a vontade ou conhecimento conscientes do sujeito, se posiciona. Todo cuidado deve ser tomado, para que não caiamos na armadilha que relaciona causa-efeito. É preciso ir mais fundo na questão que nos permite apenas que sinalizemos como o inconsciente faz suas associações combinatórias e substitui ou modifica imagens. “A reprodução de uma percepção como representação nem sempre é fiel; pode ser modificada por omissões ou alterada pela fusão de vários elementos.” (FREUD, 1925, p.298) Assim podemos nos referir ao sujeito enquanto único na maneira como conjuga sua apreensão do mundo com suas deformações e imperfeições muito próprias do sujeito. Por esse viés talvez possamos fazer referências ao Barroco e identificá-lo como um modo de expressão do psiquismo. Através das imagens criadas pelo sujeito, sua própria obra ou o modo como opera com ela poderá evidenciar um modo próprio de seu funcionamento psíquico.

A experiência estética revela-se como o fundamento indispensável de toda constituição do juízo, da faculdade de julgar, de pensar. Razão e sensibilidade colocam-se assim, não como pares antitéticos, mas como duas faces de uma mesma moeda. A difusão de oportunidade de sensibilização estética oferecida aos alunos da rede pública, tal como propormos nesta atividade de extensão universitária em nosso projeto, visa uma melhoria das condições de formação desta população. Trata-se de incentivar a ampliação de seus recursos criativos e da proposição de novas formas de se relacionarem com o saber, e com a inserção no mundo que os cerca. Afinal, na perspectiva barroca, o sujeito encontra-se impregnado de mundo e é mesmo confundido com ele.

## 2 DESENVOLVENDO A QUESTÃO

A experiência estética deve ser compreendida como elemento motor e complementar da educação intelectual do sujeito. Isto porque, a dimensão estética é anterior à racionalidade formal. Antes de se operar através da racionalidade, há uma sabedoria poética que promove uma celebração da vida, região na qual impera o *Pathos*. A sensibilidade é comum a todos os homens, e não um privilégio apenas de uma camada de nossa sociedade que é mais abastada que outras.

A arte tira do mito a característica de pedagógica, pedagogia do existente. A arte procura reinstalar o homem no mundo, através de diversos expedientes representativos e faz com que o homem não só visite o mundo, mas, tente nele habitar. Tenta possibilitar que o sujeito reorganize significações e contorne o não-senso, para que surjam sempre novas relações, com o presente, o passado e o futuro. A reorganização de significações do espaço propõe que se crie seu próprio espaço de sentido e de afeição. A estética barroca pode possibilitar uma transgressão da cultura estabelecida e um reposicionamento diante da nossa sociedade. A arte barroca possibilita ao homem se retomar como estrutura organizadora, no convívio, na relação, no *intersentir* e pode ser entendida como prospecção de futuro.

Vejamos a citação a seguir o que diz a respeito da estrutura barroca:

A psique humana vive em constante atividade de defesa contra o sofrimento. Defende-se da angústia, um sentimento que causa mal-estar, uma insatisfação dolorosa (...). Esta emoção indefinível é extremamente penosa e é evitada a todo o custo pelas defesas psíquicas. As mais primitivas e notórias são: a projeção, fazendo-nos atribuir a outrem o que se nos imputa: ladrão é você!; a identificação, aproximando-nos de uma figura simbólica: Deus, o pai e a igreja, a mãe. Outra defesa é o deslocamento de emoções de um objeto para outro. Poderíamos, então, entender nosso ódio inconsciente aos irmãos com o realismo da captura e escravização dos índios, do mau trato dos escravos, do abuso sexual das escravas e da conseqüente discriminação racial. São todos aspectos do deslocamento de emoções, cuja raiz se poderia buscar na infância e no inconsciente(...) a atitude do homem em sociedade é uma constante adaptação na defesa contra a angústia e o sofrimento causados pela permanente pressão dos instintos que buscam sua plena satisfação. (ETZEL, 1974, p.58)

Se formos levar em consideração a concepção filosófica de Martin Heidegger, poderíamos mencionar que a angústia que o autor se refere acima é uma angústia de viver. Heidegger menciona, no livro *Ser e Tempo*, “*Dasein*” (1971, p.135) - conceito traduzido por ser-aí, como vulnerável à angústia de se estar abandonado no mundo. Neste momento a idéia de existência de Deus não comparece. Em seguida, o autor se utiliza de elementos comuns a Psicanálise, dos quais falaremos mais detalhadamente no decorrer deste texto. Por hora é importante ressaltar que o sujeito é formado de imperfeições e a cultura tenta “apagar”, como se fosse possível, aquilo que revela essas imperfeições como não sendo culturalmente aceitável.

Eduardo Etzel (1974), no que diz respeito às tensões da cultura, acrescenta que: “O aplacamento da tensão sexual constitui a área de maior atrito, já que a libido sexual encontra na sociedade a constante barreira da repressão contra sua natural e desejada expansão” (ETZEL, 1974, p.59). Podemos acompanhar este autor na observação que se segue:

A verdadeira reparação é o impulso construtivo que de mil maneiras induz o homem a criar por um fim nobre, seja artístico, seja filantrópico, seja social, algo que venha deixar um vestígio de si mesmo no concerto da atuação que chamamos progresso da civilização. Talvez mesmo uma necessidade de contrapor-se à própria morte, perenizando-se neste mundo .

(...)

A esta forma supina e verdadeira de reparação podemos chamar sublimação, pois é uma via livre para a descarga dos impulsos inconscientes, liberados numa atividade (libido) sem cargas defensivas (neuróticas).

Hoje, poderíamos chegar a uma tal atuação como resultado de uma psicanálise bem orientada. No século XVIII, como em todos os tempos, a culpa pode levar a atividades reparadoras que se aproximam da sublimação, levando o ser humano a um trabalho criativo sem esmorecimento.

Todos conhecem a história dos grandes mestres da pintura como Michelangelo e Matisse, longevos, criando até o fim de suas laboriosas vidas, Renoir pintando doente, quase paralisado, ou nosso Aleijadinho que esculpiu incansável apesar de mutilado; todos criando obras imortais.

Que fez o colecionador equilibrado senão dar vazão a uma tensão inconsciente, reunindo o belo e preservando-o para os pósteros? Que faz o restaurador de arte senão dar sua infinita paciência e seus conhecimentos ao serviço da cultura, refazendo e consertando obra alheia danificada pelo homem e pela ação do tempo?

A genuína reparação significa que o homem em causa se coloca no lugar do semelhante. Portanto, identificar-nos com homens, objetos e intenções. Com instituições e com propósitos em prol de algo ou de alguém. Reparando pelo legítimo caminho da sanidade emocional, pela

sublimação, somos levados aos mais nobres atos, que perenizam a cultura humana e tornam o homem um ser impar no concerto universal. (ETZEL, 1974, p.59).

Em relação à sublimação não há, em Freud, uma teoria constituída, já que ele destruiu um ensaio que escreveu sobre o assunto. Podemos sim, situar algumas referências. A questão da sexualidade está aí implicada. O ato sublimatório se vale da energia da pulsão sexual, porém desvia sua finalidade sexual, para objetivos mais elevados. Assim, tal mecanismo favorece que um impulso primitivo, inaceitável para o Eu, encontre um meio de expressão de forma a se tornar socialmente aceitável. A isso se dá o nome de sublimação. A sublimação pode, portanto, ser considerada como uma forma especial de substituição de um impulso primitivo por outro correlato, mais aceitável à sociedade e que cumpre a função de trazer satisfação. As atividades criadoras indicam um uso da energia sexual empregada de forma desviada de sua finalidade imediata. (MARCUSE, 1995 ,p.180-181).

Embora a concepção freudiana da sublimação não seja submetida à categoria do sublime na estética filosófica, se traçarmos uma composição com a concepção kantiana do sublime, diria que o processo da sublimação opera como algo de grandioso, para além de toda comparação a algo que está em desproporção em relação às faculdades sensíveis do homem. De outro modo, Lacan interpreta a pulsão de morte como a *sublimação criacionista* de Freud, uma sublimação que concerne o “pulsão de morte” (MAURANO, 2001, p.165-170). Este, talvez, como um modo de operar com o que excede à possibilidade de apreensão simbólica.

O desvio de libido para atividades culturais úteis, ocorre depois do primeiro período da infância. A sublimação opera, então, sobre uma estrutura pré-condicionada que inclui as restrições funcionais e temporais da sexualidade. A sublimação age com a libido assim pré-condicionada e, com toda força possessiva, exploradora e agressiva, é transformada ou reelaborada pelo inconsciente. Para Marcuse, a “modificação” repressiva do princípio de

prazer precede a sublimação real, e esta transporta os elementos repressivos para as atividades socialmente úteis.

...como resultado de privação interna ou externa, a finalidade do objeto da libido sofre uma deflexão, modificação ou inibição mais ou menos completa. Na grande maioria dos casos, a nova finalidade é distinta ou remota da satisfação sexual, isto é, constitui uma finalidade assexual ou não-sexual.(GLOVER, 1931, p.264).

Arte e ciência podem servir a qualquer objetivo útil, como a educação e a tecnologia, mas, mesmo nessa aplicação, a tendência criadora pode superar o interesse utilitário. Tal como o artista dá expressão criadora à sua fantasia, pressionado por um impulso interior de criação, o cientista é motivado em seus esforços por uma curiosidade criadora de compreender os enigmas da natureza.

Freud ressaltou que a pulsão de morte é silenciosa e que esta, para fazer-se representar, amalgama-se com a pulsão de vida, pulsão sexual. A partir daí podemos pensar a função do belo, na arte. Por seu viés a morte torna-se ainda mais tangível para o homem, aparece, por exemplo, numa dimensão de esplendor, cuja expressão, *lindo de morrer*, bem o demonstra; como lembra Denise Maurano valendo-se da perspectiva de Lacan na qual o belo é indicado como um tipo de participação de tudo o que é mortal, no endereçamento à imortalidade. (MAURANO, 2001, p.169)

No caminho da necessidade do artista em criar em jogar com a imortalidade através de sua obra, ele não recua de se haver com o vazio da morte. Essa é a sensação muitas vezes experimentada pelo sujeito também ao dar por encerrada sua obra, trata-se de uma, temporária sensação de esvaziamento, uma sensação temporária de morte.

Outro fenômeno interessante do ato de criação foi o que coordenando uma oficina de sensibilização criativa, depois de terminarem seus trabalhos percebi que os participantes se apegaram a seus trabalhos como pais se apegam a seus filhos. Questiono a

relação daquele que cria com o resultado e os destinos de sua criação. O término de uma obra muitas vezes, traz consigo a vontade ou a necessidade de se começar algo de novo, isto é, começar tudo outra vez, pois ao criar o homem transporta algo de sua marca, seu estilo, seu ser e sua forma própria de lidar com a falta. O artista quer e precisa expressar sua forma de ver o mundo de maneira criativa e sensível. Talvez a arte nos proponha sentimentos inéditos.

Nas diferentes classes sociais prevalecem as diferenças e as disputas de valores nas mais diversas formas. Uma coisa que sempre me chama a atenção são os momentos em que as comunidades de crítica estética se mostram favoráveis em um momento e completamente contra essa mesma coisa em outro momento. É claro que as pessoas mudam, não é a isso que me refiro aqui, quero levá-los a refletir sobre os diferentes guetos e seus diferentes períodos, onde o novo com o tempo se mostra mais bem aceito, ou vice-versa. Vejamos como Etzel trabalhou esta questão:

Observando o panorama barroco no Brasil vimos que ele não é uniforme. Suas manifestações artísticas variam segundo as regiões consideradas, do rico ao pobre, do exagero ao simples esboço de uma arte barroca. Haveria explicação para estes fatos? (ETZEL, 1974, p.54)

O homem quer seja da periferia, quer seja de uma classe social mais elevada, tenta mostrar através das mais diversas manifestações artísticas sua visão de mundo bem como as experiências pelas quais passou. A estética é antes de tudo o exercício de pensar a arte, cultivar a imaginação criadora, acentuando a necessidade de criar ou reinventar a natureza humana. Ela tenta restaurar a capacidade de descobrimento de novas formas de se estar no mundo, de novas formas de participar na criação contínua da humanidade, de novas formas de ver e sentir e de tornar possível um acesso à realidade. Paul Ricoeur (1997) fala de um exercício compensatório da obra em de refiguração, de re figurar um “mundo”. Ele também ressalta: “o artista sente que aquilo que ele expressa convém a um sentimento

singular seu em relação ao mundo” (RICOEUR, 1997, p. 233-251). Para Ricoeur, o ponto de partida do artista será sempre o mundo.

O trabalho acadêmico é, de maneira prevalecente, aquele que repete fórmulas, em busca apenas do resultado, sem passar pelo seu próprio processo, que tem a ver com você, mesmo com sua história, com sua realidade, com sua “fonte”, ou origem. Num problema de matemática todos têm que chegar ao mesmo resultado, já na pintura não: todos podem ficar em frente ao mesmo modelo, usar as mesmas cores, o mesmo material e o resultado será completamente diferente sempre. O trabalho expressivo implica a participação da singularidade do sujeito que efetua.

A pintura engloba uma infinidade de procedimentos: cores e formas que permitem relações infinitas. Cada um descobre suas vias de expressão utilizando-as para se revelar ou se rebelar. Como a arte barroca é um instrumento poderoso, precisamos neste momento demarcar uma característica importante do Barroco que é exatamente este jogo transgressor que causa certa turbulência no ar, com suas características tão forte para o seu momento (seja ele qual for). Para que isto possa acontecer é necessário estar disponível, atento, interessado, ativo, aberto. É preciso, em primeiro lugar, aceitar o desajeitamento, assumir o não-saber e começar de novo. Ser capaz de arriscar, de entrar no jogo e se deixar contagiar pelo prazer da brincadeira com traços, formas e cores. É a isso que convidamos as pessoas nas oficinas de sensibilização artística que coordenamos.

### 3 O “PATHOS” E AS IMPLICAÇÕES DO FAZER

A arte barroca parece ser a expressão musical, plástica e literária do sujeito tal qual abordado pela ética psicanalítica, trazendo subsídios de visibilidade para a difícil transmissão da psicanálise, que tem na ética que lhe é própria tanto sua fecundidade clínica quanto à grandeza de sua contribuição para a cultura. Tal Ética foi e ainda é, tantas vezes, confundida com éticas psicológicas e filosóficas diversas que acabaram por originar distorções não apenas lamentáveis como perigosas para a própria sobrevivência da psicanálise...(MAURANO, 2004, p.4).

A arte barroca parece ser a expressão, musical, plástica e literária do sujeito como abordado pela ética psicanalítica, trazendo subsídios de visibilidade para a difícil transmissão da Psicanálise. Desejamos atingir objetivos visíveis de sensibilização junto aos alunos das escolas públicas através de atividades extra-classe incentivando-os de maneira criativa e propondo novas formas de pensar a educação e a formação acadêmica. Na perspectiva barroca, o sujeito encontra-se impregnado de mundo e é mesmo confundido com ele. Daí a utilização que Maurano (2004), faz da noção de *dessubjetivação*, como o que viria paradoxalmente designar a subjetividade barroca como subjetividade em evasão. Na perspectiva da subjetividade barroca, o sujeito, imbricado no que o circunda, apresenta-se em evasão, exhibe-se como fora de si, remetido intimamente ao que lhe é exterior, referido a uma relação com o que o transcende. O que é bem diferente de uma visão de sujeito enquanto um ser centrado na delimitação do “si mesmo”.

Na perspectiva cultural nosso trabalho visa sensibilizar pessoas para a preservação de seu patrimônio cultural, contribuir para a socialização e do acesso a cultura, oferecer subsídios ao aluno para que possa experimentar sua capacidade expressiva. Ao propor a visitação da experiência estética, estamos privilegiando, sobretudo, seu aspecto mediador. A arte quer sendo contemplada, visitada e ou experienciada, é colocada como um recurso de mediação frente aos enigmas da vida: ela possibilita não só informar ou formar, mas sim, propor ousar, incitar a criar formas próprias de abordar o mundo. Notamos que o

lugar do primeiro ato criativo do sujeito não é tanto o fazer um objeto novo, o que aliás não é nada fácil, mas sim se abrir para a partir da experiência de estar face à obra de arte permitir perceber, sentir e refletir.

A arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística. Para Platão exerce a arte tanto o músico encordado a sua lira quanto o político manejando os cordéis do poder ou, no topo da escala de valores, o filósofo que desmarcara a retórica sutil do sofista e purga os conceitos de toda ganga de opinião e erro para atingir a contemplação das Idéias. (LUIGI, 1954, p.29)

Para muitos o mais importante na arte é realmente o fazer artístico, pois através deste ato o artista experimenta sua forma de dar expressão à dimensão insondável do Real. A partir deste FAZER o sujeito pode construir ou reconstruir a sua relação com o mundo, dando expressão aos dilemas valendo-se da capacidade da imaginação humana.

É o *pathos* (o espanto) que nos faz pensar, exigindo uma razão, não monádica, que possa traduzir um sentimento fundamental que revele a situação do sujeito no mundo. O importante é salientar o fato de entendermos o Barroco como inaugurador de uma atitude não excludente tanto no campo das artes, como face à realidade.

A arte barroca, enquanto referida a um período da História da Arte, valoriza o sujeito em sua complexidade, até porque surge num momento de grande turbulência no mundo.

A agressividade e a sexualidade são os pilares da nossa existência. Sem a agressividade, que garante a atividade humana, o homem não teria condições de encontrar os meios de subsistência. Sem o instinto sexual, desapareceriam suas possibilidades de procriar, e a vida humana cessaria. Por isso, a mesma agressividade que, quando descontrolada, leva aos desvios do comportamento humano, criando culpa e sofrimento, é acessível para dar ao homem a energia construtiva indispensável à sua sobrevivência; e o barroco foi um dos resultados ordenados dessa agressividade devocional.

(...) Sem o equilíbrio da tensão permanente das forças primitivas a vida seria incolor e o homem cairia numa apatia improdutiva. Mas a satisfação ordenada dos instintos é a própria essência da civilização: canalizar a agressão para a atividade construtiva e a sexualidade para a expansão da libido pelos vários caminhos do amor, incluindo também a satisfação fisiológica do ato sexual, são as atribuições das atividades sociais de todas as comunidades. (ETZEL, 1974, p.65)

Algumas importantes histórias de nossa rica literatura revelam que o amor fortuito, proibido, às escondidas é sempre o que causam maior furor. A negação da própria sexualidade sempre em danos piores. Eduardo Etzel lembra que:

A agressividade mata, escraviza, rouba, destrói impiedosamente; mas pode, sublimada, construir maravilhosas obras barrocas. É uma pura questão de gradação. O mesmo se poderia dizer da sexualidade. A libido é a força da vida, sem ela o homem seria um ser vazio, amorfo e abúlico.

(...)

Nós seres humanos, levamos toda nossa vida procurando um equilíbrio emocional entre a formação educativa e os elementos destrutivos (violência e inconsciente) de nosso mundo interno. (ETZEL, 1974, p.66)

A religião cristã tentou separar o instinto sexual da agressividade que lhe é inerente. Em outras palavras, buscou isolar o amor da agressão e avidez que o acompanham. Exaltou o amor altruísta e ideal, negando a existência dos problemas que são parte integrante e inseparável da alma humana, isto é, da psicologia do homem. (ETZEL, 1974, p.67)

Em nosso passado, como hoje ainda vemos, houve tentativas de se abolir o mal inerente ao homem, como se isso fosse possível de alguma forma. O que seja talvez possível é tentar trabalhar o lado positivo deste mal e não o negar, isto é, fingir que ele não existe.

A tentativa de dominação dos povos acompanha a história da humanidade. Sempre um povo tentou dominar o outro afinal: “*Homo homini lupus*”<sup>1</sup>. Essa agressividade tem muitas explicações, dentre elas a sobrevivência e, em função dela, o homem se faz capaz de muitas coisas.

Nos nossos tempos atuais a mídia parece controlar essa função de dominação através de estratégias que pretendem controlar nossos sentimentos e vontades:

Toda exaltação psíquica das massas tem que ser mantida por uma constante ação que alimente a emoção ambiente, sem a qual há um paulatino arrefecimento do entusiasmo, com a queda na realidade freqüentemente muito distante do ideal antes sentido como verdade. Conhecemos nos dias de hoje esta ação mantenedora, com o nome de propaganda. Sem ela os regimes políticos, quaisquer que sejam eles, não subsistiriam. Quando esta propaganda é aguda envolve o ser

---

<sup>1</sup> (o homem é o lobo do homem, citado de Plauto, *Asinaria*, II, iv, 88.)

humano em todos os seus momentos de vigília, impregna-o por todas as formas – pela visão, pela audição, pelas idéias habilmente dirigidas. (ETZEL, 1974, p.54)

Nos séculos XVIII, período em que tudo isso começou no Brasil, fomos enganados, como o somos até nossos dias, pela “propaganda” colonial que produziu festas e comemorações sobre os menores pretextos (ETZEL, 1974, p.67). A necessidade de um engajamento nos faz aceitar isto, ainda que tenhamos consciência de que estamos sendo manipulados pelos meios de comunicação.

De todo modo, como nos lembra Mafessoli, o mundo não é de forma alguma ideal e ele completa: “A atitude voluntarista, a saber, mudar o mundo, construir uma sociedade perfeita, por mais banal que seja, tinha tendência a reduzi-los (mundo e sociedade) ao que eles deveriam ser.” (MAFESOLI, 1996, p.22)

Assim parece ser melhor aceitarmos o mundo pelo que ele é, aceitando que há pluralismos e intervindo, onde pudermos, para o melhorarmos, sem a ilusão de o tornar ideal.

Neste momento podemos recorrer a Etzel que faz um correlato entre Deus e o rei como mantenedores da chama que mantém vivo até os dias atuais este sentimento que a massa possui em relação aos líderes. “Na avaliação do ideal inconsciente das massas precisam-se levar em conta seus líderes.”(ETZEL, 1974, p.57). Esta citação utilizada pelo autor é de fundamental importância no quesito escolha dos líderes. Esta escolha implicará no futuro deste grupo em questão. O tipo de líder ou como este funciona é que destinará a qualidade das atividades desenvolvidas pela equipe de trabalho. Freud explicita bem esta questão em suas Obras Completas no vol. XVIII, *Psicologias das Massas*, sobre a necessidade de liderança.

No processo de identificação as menções simbólicas utilizadas pela Psicanálise nos fornecem elementos importantes para que possamos interpretar como as celebridades e os deuses exercem tanta influência em nós e principalmente nos jovens de hoje:

A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. (FREUD, 1921, p.133)

A mídia e as campanhas publicitárias já sabem disso e se utilizam para o bem e para o “mau” desta invisível forma de manipulação dos jovens. O que é realmente preocupante e que vale a pena refletir é a relação dos jovens de hoje com os personagens inventados pela mídia deslocando afetos originariamente dirigidos aos pais, apegando-se fervorosamente às personagens criadas pela cultura de massa, constituindo seus laços afetivos na dinâmica da identificação e da escolha de objeto nas perspectivas do ser e do ter.

É fácil enunciar numa fórmula a distinção entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto. No primeiro caso, o pai é o que gostaríamos de ser; no segundo, o que gostaríamos de ter, ou seja, a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do ego. (FREUD, 1921, p.134)

Buscando explicitar mais acerca dos processos de identificação Freud prossegue:

(...) a identificação constitui a forma mais primitiva e original do laço emocional; freqüentemente acontece que, sob as condições em que os sintomas são construídos, ou seja, onde há repressão e os mecanismos do inconsciente são dominantes, a escolha de objeto retroaja para a identificação: o ego assume as características do objeto. É de notar que, nessas identificações, o ego às vezes cópia a pessoa que não é amada e, outras, a que é. Deve também causar-nos estranheza que em ambos os casos a identificação seja parcial e extremamente limitada, tomando emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é objeto dela. (FREUD, 1921, p.134)

Isto evidencia o quanto esta pretensa liberdade é condicionada a determinações primárias, o que nos torna vulneráveis à exploração dos processos de massificação que estão em vigor e são em grande escala em nossos tempos. Freud avança apontando a relação entre identificação e enamoramento:

É fácil agora definir a diferença entre a identificação e esse desenvolvimento tão extremo do estado de estar amando que podem ser descritos como ‘fascinação’ ou ‘servidão’. No primeiro caso, o ego enriqueceu-se com as propriedades do objeto, ‘introjetou’ o objeto em si próprio, como Ferenczi [1909] o expressa. No segundo caso, empobreceu-se, entregou-se ao objeto, substituiu o seu constituinte mais importante pelo objeto. Uma consideração mais próxima, contudo, logo esclarece que esse tipo de descrição cria uma ilusão de contradições que não possuem existência real. (FREUD, 1921, p.144)

A sensação de estarmos paralisados diante dos meios de comunicação ou como que hipnotizados também podem ser articuladas às observações de Freud em seus escritos. É com grande indignação que podemos observar que a mídia realmente nos paralisa e ficamos fascinados por suas construções fantasiosas que apontam o que gostaríamos de ser ou ter indicando o que se passa conosco frente à liderança:

Há o mesmo debilitamento da iniciativa própria do sujeito; ninguém pode duvidar que o hipnotizador colocou-se no lugar do ideal do ego. Acontece apenas que tudo é ainda mais claro e mais intenso na hipnose, de maneira que seria mais apropriado explicar o estado de estar amando por meio da hipnose, que fazer o contrário. O hipnotizador constitui o único objeto e não se presta atenção a mais ninguém que não seja ele. O fato de o ego experimentar, de maneira semelhante à do sonho, tudo que o hipnotizador possa pedir ou afirmar, relembra-nos que nos esquecemos de mencionar entre as funções de ideal do ego a tarefa de verificar a realidade das coisas. (FREUD, 1921, p.145)

Se transpusermos este trecho dos escritos Freud e fizermos uma comparação com os meios que comunicação, iremos sentir como o encaixe é perfeito para aqueles que tentam dominar a massa e de que modo toda proposta é introjetada passivamente, sem nenhum protesto ou indignação:

A relação hipnótica é a devoção ilimitada de alguém enamorado, mas excluída a satisfação sexual, ao passo que no caso real de estar amando esta espécie de satisfação é apenas temporariamente refreada e permanece em segundo plano, como um possível objeto para alguma ocasião posterior.

Por outro lado, porém, também podemos dizer que a relação hipnótica é (se permissível a expressão) uma formação de grupo composta de dois membros. A hipnose não constitui um bom objeto para comparação com uma formação de grupo, porque é mais verdadeiro dizer que ela é idêntica a essa última. Da complicada textura do grupo, ela isola um elemento para nós: o comportamento do indivíduo em relação ao líder.”(...)

É interessante ver que são precisamente esses impulsos sexuais inibidos em seus objetivos que conseguem tais laços permanentes entre as pessoas. Porém isso pode ser facilmente compreendido pelo fato de não serem capazes de satisfação completa, ao passo que os impulsos sexuais desinibidos em seus objetivos sofrem uma redução extraordinária mediante a descarga de energia, sempre que o objetivo sexual é atingido. É o destino do amor sensual extinguir-se quando se satisfaz; para que possa durar, desde o início tem de estar mesclado com componentes puramente afetuosos — isto é, que se acham inibidos em seus objetivos — ou deve, ele próprio, sofrer uma transformação desse tipo. (FREUD, 1921, p.145-146)

Em seguida, Freud procede a uma reflexão curiosa acerca da paralisação decorrente do estado de hipnotismo. Uma imobilização que nos faz pensar na passividade do sujeito contemporâneo frente à sedução da mídia e de seus apelos massificantes:

A hipnose contém um elemento adicional de paralisia derivado da relação entre alguém com poderes superiores e alguém que está sem poder e desamparado — o que pode facultar uma transição para a hipnose do susto que ocorre nos animais. A maneira pela qual a hipnose é produzida e sua relação com o sono não é clara, e o modo enigmático pelo qual algumas pessoas lhe estão sujeitas, enquanto outras lhe resistem completamente, indica algum fator desconhecido nela compreendido que, sozinho, talvez torne possível a pureza das atitudes da libido que ela apresenta. É de notar que, mesmo existindo uma completa submissão sugestiva sob outros aspectos, a consciência moral da pessoa hipnotizada pode apresentar resistência. (FREUD, 1921, p.146)

Tomar em consideração essas observações de Freud é imprescindível para emprendermos qualquer proposição no que tange a tentar intervir no “*status quo*” de nossa sociedade contemporânea, a fim de cairmos em projetos ideais de impossível sustentação. Estamos todo tempo vulneráveis por estratégias diversas a nos vermos caindo na armadilha das máquinas do poder. A cantora Pitty bem o ressalta em sua música Chip Descontrolado quando faz referências a robótica e como nossas preferências são determinadas. O filme Matrix do produtor Steve Beck é outro exemplo dessa forma de dominação.

Tudo acima exposto articula-se com nosso objetivo de possibilitar ao sujeito - através de nossas oficinas, via o modo como nelas operamos, permitindo que cada um explore por si mesmo, os materiais que lhe são oferecidos, sem imposições ou propostas de resultados

– uma experiência de contato com sua capacidade expressiva, retornando-lha os fundamentos mais primitivos. Trata-se de tentar dar expressão aos vínculos que se encontram na base da constituição do sujeito, antes de toda a “cosmética” que a eles se adicionou.

#### **4 ALGUMAS IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS**

Nos valendo do trabalho da pesquisadora e psiquiatra Nise da Silveira como exemplo de intervenção através da arte, sem contudo segui-la em sua orientação teórica, pretendemos com este trabalho abordar esta temática. Nise, cansada de ver seus pacientes serem tratados apenas com medicação e eletro-choque nos hospitais psiquiátricos, resolveu montar oficinas de criação artística e propôs a eles atividades como pintar; modelar, fazer teatro. A seu objetivo não era descobrir artistas e sim dar a seus pacientes um canal de expressão e, talvez, por meio deste promover avanços na capacidade de expressão de pacientes psicóticos, aos quais seu trabalho se destinava.

No caso de nossas oficinas, nosso público alvo não é propriamente de psicóticos, mas o trabalho de promover uma experiência de sensibilização estética através de oficinas que propiciem a livre expressão dos mais variados tipos de pessoas, como crianças, idosos, pessoas com dificuldades de aprendizagem, professores e universitários, conforme o convite a intervirmos que nos é encaminhado, tem sido extremamente fecunda. É bem verdade que vivemos em uma sociedade onde a maioria das crianças sequer tem o direito à alfabetização, o que faz com que propor uma alfabetização estética seja até mesmo uma ousadia. No entanto, desde os primeiros referenciais históricos de que temos notícia, o homem tentou expressar-se através do desenho, da cor, do movimento, do som, do gesto. Assim valer-nos destes recursos para facilitar a expressão não representa novidade, mas resgate de oportunidades já descobertas ao longo dos tempos.

Dependendo da instituição que nos convoca, do espaço físico e dos recursos que dispomos, e do grupo com o qual vamos trabalhar, fazemos um planejamento de atividades que vão da pura e simples utilização de papel e lápis, até a pesquisa com sons e movimentos. O fundamental é que orientação dessas atividades esteja pautada não pela lógica do bem fazer, mas pela exploração do material expressivo oferecido. Estimular a curiosidade em relação a própria possibilidade de expressão é muito mais fundamental para nós, do que valorizar uma forma “correta” de utilizar o material oferecido. Há espaço ainda para a apreciação musical que vai desde o estilo clássico ao popular brasileiro. Algumas vezes são feitas sugestões de imagens a serem exploradas livremente e sempre, ao final, incentivamos que os participantes comentem sobre a própria experiência, investiguem o que sentem ao realizarem seus feitos e, se assim quiserem, compartilhem com os outros participantes seus achados. A ênfase na experiência sem o compromisso de uma valoração do resultado da “obra”, ou seja, o estímulo a que a livre associação conecte cada participante com o exercício de dar expressão a seus próprios conteúdos psíquicos, o que se dá pela sustentação de uma relação com o coordenador da oficina, que trabalha nesta direção, faculta a essa atividade uma certa relação de afinidade com os princípios norteadores da ética da psicanálise. Entretanto, é importante que fique claro que as oficinas não se oferecem como um espaço de tratamento psicanalítico. São apenas atividades que guardam uma afinidade com o modo pelo qual a psicanálise pensa o sujeito.

Como foi mencionado acima, nós não estamos intervindo com pacientes psicóticos, porém nada impede disso vir a ser feito em alguma oportunidade. A utilização do trabalho que estamos desenvolvendo pode ser abraçada por qualquer segmento da sociedade como forma de ampliação de recursos de expressão, o que pode trazer bons resultados tanto no âmbito educativo amplo senso, quanto na esfera do que convencionou-se chamar de saúde

mental . Trata-se portanto, de viabilizar meios para ampliar as possibilidades expressivas do sujeito.

Ao propor este trabalho, queremos oferecer às pessoas o que a arte nos oferece de uma forma geral. Esperamos que o processo de sensibilização estética possa apurar no sujeito aquilo que Freud denomina como juízo de qualificação. Trata-se da distinção no psiquismo de dois tipos de juízo, um mais primário, destinado a qualificar a experiência, norteado pela experiência sensível; o outro, posterior, chamado juízo de existência, regido pela racionalidade que julga o reconhecimento da existência de algo. Assim, o próprio reconhecimento da existência de algo, depende de que o sujeito, afetado pela experiência, possa ter qualificado esse algo.

Segundo a proposição do professor Joel Neves (2003) a “educação da arte” implicaria estudar a arte em sua morfologia, ou fazer análise anatômica dos elementos de uma obra, de suas estruturas, de suas relações, ou uma análise fisiológica dos processos que a determinam e dos efeitos por ela produzidos nos diversos espectadores. Nossa proposta não é esta, mas podemos perceber a pertinência da proposição do professor.

No mundo atual, a arte está presente em todos os lugares, em museus, galerias, teatros, cinemas, nos templos, nas ruas, nas bancas de jornal, entrando em nossas casas, via meios eletrônicos. Por isso, para além das oficinas propostas para a sensibilização estética, promovemos também a visitação de crianças e adolescentes aos museus, exposições, obras de arte situadas em praças, igrejas, etc. O importante da vertente visitação é a experiência que ali ocorre e não a informação exaustiva do campo histórico e teórico de uma obra. Não importa, neste primeiro momento, se o sujeito está ou não munido de muita informação sobre a arte em geral, ou sobre determinado estilo, ou escola, ou autor. (NEVES, 2003, p.1)

Outra vertente contemplada por esse projeto refere-se   relação do sujeito com a música, mais precisamente com o som.

Segundo a Mitologia, o homem nasceu do som e que sua essência permanece sempre sonora. O som está presente na vida desde seus primórdios. Os batimentos cardíacos, os movimentos peristálticos e a respiração são elementos sonoros e rítmicos intrínsecos e inerentes ao homem (FUNARTE, 1996, p.40)

A música está sempre presente na vida das pessoas e, sem dúvida, é uma das mais antigas e valiosas formas de expressão da humanidade. A presença da música em diferentes situações do cotidiano faz com que as crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. A música é uma linguagem que se compreendida desde cedo, ajuda o ser humano a expressar com mais facilidade suas emoções, sentimentos. Trabalhar com a música é antes de tudo um modo de mexer com a sensibilidade humana, significa ampliar a variedade de linguagens que podem permitir a descoberta de novos caminhos de expressão.

A música sempre foi utilizada por diferentes povos com finalidades mais distintas, desempenhando funções diferentes nos vários tipos de sociedade. Assim, por exemplo, ela foi e ainda é utilizada em rituais, sejam eles religiosos ou não, reflete posturas ideológicas ou simplesmente expressa manifestações artísticas. (SANTIAGO, 2004, p.1)

É possível que se desperte nos participantes outras formas de conhecer, de interpretar, de sentir e de sonhar. Os ganhos que a prática musical na infância e adolescência proporciona, seja pela expressão das emoções, pelo desenvolvimento da disciplina, pelo desenvolvimento do raciocínio, são valiosíssimos e são para a vida inteira. A música é algo maravilhoso que encanta os sentidos ávidos de som e de ritmo. “...os sons afinados pela cultura e que fazem a música estarão sempre dialogando com a instabilidade...” (SANTIAGO, 2004, p.1)

A magia dos sons nos impressiona. A audição é um prazer misterioso que nos deleita. Frequentemente os adultos, quando confrontados com a prática musical, afirmam,

com um certo desânimo, que não têm sensibilidade aguçada e ao mesmo tempo esquecem-se de simplesmente ouvir. Dispõe Wisnik:

Mexendo nessas dimensões, a música não refere nem nomeia coisas visíveis, como a linguagem verbal faz, mas aponta com uma força toda sua para o não-verbalizável; atravessa certas redes defensivas que a consciência e a linguagem cristalizada opõe à sua ação e toca em pontos de ligação efetivos do mental e do corporal, do intelectual e do afetivo. Por isso mesmo é capaz de provocar as mais apaixonadas adesões e as mais violentas recusas. (WISNIKI, 1989, p.15-24)

A intervenção através da música integrada a um sistema educativo visa, contribuir, para a formação geral dos sujeitos levando em consideração componentes subjetivos, componentes afetivos e a capacidade de integração social além da integração cultural, que caracterizam nossa capacidade de vivermos e nos relacionarmos. Convém lembrar que o que nos faz sermos seres humanos, além de nossa capacidade de pensar (diferente dos animais) é nossa liberdade e capacidade de produzir algo de novo no mundo. Recriá-lo, portanto, dançar, tocar, representar, pintar não deve ser privilégio de alguns e sim um alicerce de todos. Criar e se expressar através das cores e formas é um recurso de vital importância no processo sócio-recreativo.

## **5 PARA CONCLUIR**

Alguns trabalhos desta natureza já vêm sendo realizados pela rede pública e estadual no município de Juiz de Fora. Agora estamos levando este trabalho de sensibilização para a arte a outras comunidades, estamos também estudando a possibilidade de levar nosso trabalho de intervenção para o Hospital Universitário, local onde a idéia esta sendo acolhida com atenção. Também já utilizamos este método em pessoas idosas e em pessoas com dificuldades de aprendizagem. Além disto, uma oportunidade nos foi oferecida para

trabalharmos com alunos universitários, oportunidade esta que teve lugar na Mostra de Trabalhos de Graduação e pós-graduação da UFJF, sendo foi muito bem recebida pelos discentes.

Para nós a possibilidade de proporcionar às pessoas o acesso à arte, que ainda não lhes fora considerada, é muito importante enquanto experiência de vida. Visamos propiciar condições para que experimentem uma nova forma de expressão pessoal. Em nosso trabalho com crianças e adolescentes temos tido a oportunidade de levá-los a ampliar seu contato com a arte, com instrumentos musicais e com apresentações de espetáculos que são realizados em nossa comunidade. Infelizmente, lutamos com muitas dificuldades financeiras, pois muitas vezes é impossível se realizar algo sem o incentivo fiscal. Para resolvermos isto estamos buscando junto a órgãos estatais e a algumas empresas privadas incentivos, já que a responsabilidade social torna-se cada vez mais primordial. Aliás, é fundamental que as empresas tenham esse comprometimento social.

Por fim, no desenvolvimento de nosso projeto temos tido excelentes retornos junto à sociedade, verificados tanto pelos efeitos diretos de nossas intervenções, que suscitam nas pessoas uma ampliação de seus recursos expressivos, quanto na maneira como ele vem sendo acolhido e incentivado por diferentes setores. Assim sendo, resta-nos avançar na direção de o aperfeiçoarmos teórica e metodologicamente.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ETZEL, Eduardo. **O Barroco no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974.
- FREUD, S. **Obras completas ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- \_\_\_\_\_ (1925) “A negativa”. Vol. XIX.
- \_\_\_\_\_ (1921) “Psicologia dos Grupos e Análise do Eu”. Vol. XVIII.
- GLOVER, Edward. Sublimation, Substitution and Social Anxiety. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 12I, n. 3, p. 264. 1931.
- HEIDEGGER, Martin. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. v. 5.
- LUIGI, Pareyson. **Estética: Teoria della formativita**. Turim: Filosofia, 1954.
- MAFESSOLI, Michel. **No fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MARCUSE, Hebert. **Eros e a Civilização: Uma interpretação Filosófica do Pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: LTC, 1995.
- MAURANO, Denise. **A Face Oculta do Amor: A tragédia à luz da psicanálise**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2001
- MAURANO, Denise. **Torções do Gozo**. 2004. Tese (Pós-Doutorado. PUC-RJ). Obra Inédita.
- NEVES, Joel. **Arte e dimensão estética como mediadores pedagógicos**. Textos Inéditos. 2003 p.01.
- Programa Very Special Arts Brasil: **subsídios para implantação de comitês estaduais e municipais**. Rio de Janeiro: Funarte, 1996 p. 46.
- RICOEUR, Paul. **A crítica e a convicção**. Lisboa: Edições70, 1997.
- SANTIAGO, Andréa da Silva. Música Barroca e sua interlocução com a Psicanálise. **Revista Psicanálise e Barroco**. nº 4. 2004.
- WISNIKI, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

**EXPERIENCE OF AESTHETIC SENSITIZATION: JOINTS BETWEEN THE  
PSYCHOANALYSIS AND THE BAROQUE**

**ABSTRACT:**

How Baroque could interest to esthetic intervention principally in public school where we develop our project how the dialogue between baroque and psychoanalysis could contribute to the development of questions relating to the educative process and the individual form and his implication in the world around him Esthetics experience is previsions to formal rationality. Before the individual works with his rationality there is a qualificative reason that is essential to there cognition of anything existence that's worked by Freud in the text. The negative (1925) the esthetics experience is revealed as a basis of all the constitution of reason, think and deem. Reason and sensibility are not as antithesis but as two sides of the same coin. Opportunities of esthetic sensitization offered in public schools as we propose in this project, aim at Getting better their development, creativeness and new ways to bring into relation with learning and the world around them Finally, in baroque perspective the individual is impregnate of world and is confounded with it.

**KEY-WORDS:** Sensitivization. Esthetic. Baroque and Psychoanalysis.

© 2007 *Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise*  
*Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura*  
*CEP: 36036-330 – Campus Universitário – ICH*  
*Juiz de Fora, MG – Brasil.*  
Tel: (32)2102 3117

dmaurano@psicanaliseebarroco.pro.br      www.psicanaliseebarroco.pro.br